



As obras de seu Moura são esculpidas em cedro

Escultor sonha com exposição no Congresso

Pintor, escultor, artesão e escritor, mas somente nas horas vagas ou quando está de férias. Estas são algumas das atividades do funcionário público Manuel Pinheiro de Moura, que há 26 anos é assistente de plenário no Senado Federal. Moura, como faz questão de ser chamado, há 30 anos trabalha com artes plásticas, foi fundador da Feira de Arte de Brasília em 1969, hoje a Feira Hippie. Mas suas obras nunca tiveram a divulgação merecida e atualmente ele está no total anonimato. Como tantos outros artistas, Moura não vive de sua obra mas é um apaixonado por ela e sem nenhuma modéstia. Seu grande sonho é expor no Congresso Nacional, com todas as honrarias.

Como um bom funcionário público, Manuel de Moura se dedica primeiro às atividades do Congresso Nacional e usa a pintura ou escultura como uma forma de lazer. Mas ele não esconde que muitas vezes, quando precisou de dinheiro, se dispôs a vender até algumas obras mais queridas. Nos últimos três anos ele chegou a comercializar cerca de 50 peças pequenas.

REALIDADE E SONHO

A situação vivida por Moura é característica do País. Como ele, muitos outros artistas não conseguem sair do anonimato por faltar, principalmente, dinheiro. A própria Feira Hippie, alguns anos atrás, abrigou bons artistas que só precisavam de espaço. Contudo, "com o poder aquisitivo caindo, as boas obras foram sumindo e os artesãos passaram a fazer coisas mais baratas, artesanato popular". Foi a partir desta nova realidade que Manuel de Moura resolveu deixar de expor suas obras na Feira, que ele hoje chama de "Feira de Camelôs".

Mas o paraibano Moura, 46 anos, não começou fazendo grandes obras. Desde pequeno ele gostava de se envolver em qualquer assunto ligado a artes e em 1955, quase brincando, começou a fazer pulseiras, bolsas, sapatos, cintos e até perfumes. Nesta época o dinheiro vinha fá-

cil. "O que me rendeu mais foi o artesanato de consumo, a pintura e a escultura me dão apenas alegria", explica. Por fim este lado pesou mais. Suas horas de folga foram ocupadas com a pintura durante 10 anos. Um de seus quadros — uma gaivota voando sobre o mar — foi vendido para o representante da Varig em Nova Iorque e usado numa das propagandas da empresa. Ainda não satisfeito, Moura resolveu dedicar-se integralmente à escultura e agora aguarda apenas terminar mais algumas peças para, até o final do ano, expô-las no Congresso Nacional. Será uma mostra individual, somente de esculturas feitas em cedro e cerejeira.

A modesta casa deste artista, no Novo Gama, é toda decorada com suas peças. Na sala um sofá, mesa, poltronas, cinco estátuas e um busto egípcio dão um ar de graça à simplicidade. A oficina de arte fica nos fundos, onde se misturam muita serralagem, metal, ferros e todo o material usado para dar forma aos pedaços bruto de madeira. É lá que ele se realiza, ou como gosta de contar: "eu me sinto resuscitado quando estou compondo minhas peças".

No momento seu tempo está tomado com a preparação de um baú, revestido em couro, com acabamento lateral em táxas e detalhes em metal desenhado. Moura não esconde a satisfação que sente por esta nova criação e mesmo quando está trabalhando nela, não pára de pensar no que poderá fazer depois. Esta peça também irá para a exposição no Congresso. Mas realizado este sonho, ainda ficará faltando um desejo. Manuel de Moura quer restaurar o Patrimônio Artístico e Histórico do Senado, onde encontram-se quadros da época do Império. O pedido já foi feito ao chefe do setor, há sete meses, que ainda não tem uma resposta a dar, alegando falta de espaço físico para o trabalho de restauração. Enquanto isso, Moura aguarda ansioso por uma oportunidade única de lidar com obras tão raras, acreditando que capacidade não lhe falta.